

# IMPEACHMENT, EMOÇÕES E CONFLITOS: a emergência da raiva nos comentários da página da revista *Veja* no Facebook<sup>1</sup>

IMPEACHMENT, EMOTIONS AND CONFLICTS: the emergency of anger in coments on the page of *Veja* magazine on the facebook

Maria das Graças Pinto COELHO<sup>2</sup>

Geilson Fernandes de OLIVEIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil

## Resumo

Considerando o cenário de crises no Brasil contemporâneo, analisam-se as conversações estabelecidas através dos comentários produzidos em postagem da *Veja* – um dos periódicos do segmento jornalismo de revista com maior circulação nacional – em sua página no *Facebook*, a saber, os comentários referentes ao *post* intitulado “*URGENTE: Dilma sofre impeachment e PT sai do governo após 13 anos*”, publicado em 31 de agosto de 2016. Para tanto, são utilizados os pressupostos da Etnometodologia e sua abordagem sobre a Análise da Conversa. As reflexões empreendidas demonstram a irrupção de emoções e sentimentos em conflito, haja vista a produção de dissensos que se instauram a partir das conversações, evocando o sentido de disputa acerca do processo de *impeachment*, de modo que a raiva é evidenciada como a emoção mais recorrente.

## Palavras-chave

*Impeachment*; Revista *Veja*; Comentários; Emoções; Revista jornalística.

## Abstract

Considering the scenario of crises in contemporary Brazil, we analyze the conversations established through the comments produced in the post of *Veja* - one of the journals of the newspaper segment of the magazine with the largest national circulation - on its facebook page, post titled "URGENT: Dilma suffers impeachment and PT leaves the government after 13 years," published on August 31, 2016. For that, the assumptions of ethnomethodology and its approach on the Analysis of Conversation are used. The reflections undertaken demonstrate the irruption of conflicting emotions and feelings, in view of the production of dissensions that arise from the conversations, evoking the sense of dispute about the process of impeachment, so that anger is evidenced as the most recurrent emotion.

## Keywords

Impeachment; *Veja* magazine; Comments; Emotions; Journalistic magazine.

RECEBIDO EM 07 DE AGOSTO DE 2018  
ACEITO EM 08 OUTUBRO DE 2018

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no **IV Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso**, promovido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Aqui, são incorporadas tanto as discussões promovidas durante o evento quanto alguns dos debates assistidos e desenvolvidos durante as aulas da disciplina “O golpe de 2016 e o futuro da democracia”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte no primeiro semestre de 2018.

<sup>2</sup> JORNALISTA. Pós-doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atuando como Professora Titular dos Programas de Pós-Graduação em Estudos da Mídia e em Educação da referida Universidade. Contato: gpcoelho8@gmail.com

<sup>3</sup>JORNALISTA. Doutorando em Estudos da Mídia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Especialista em Gestão Pública e em Literatura e Ensino (UAB/IFRN, 2015). Contato: geilson\_fernandes@hotmail.com

## Introdução

**A**pós quase 24 anos o Brasil, país com um regime democrático ainda jovem, passou no ano de 2016 pelo segundo processo de *impeachment* de seus presidentes. O primeiro ocorreu nos últimos meses do ano de 1992, sendo o primeiro processo de deposição presidencial não só do Brasil, mas também da América Latina pós-regimes ditatoriais, quando o então presidente Fernando Collor de Melo, mesmo tendo renunciado diante das acusações de corrupção, foi julgado pelos parlamentares em plenário para votação do *impeachment*, os quais decidiram que o presidente não poderia ficar isento das denúncias e evitar o processo de cassação devido a apresentação de carta de renúncia. Uma vez julgado, Collor ficou inelegível por 8 anos. Pouco mais de duas décadas depois, Dilma Rousseff, presidenta democraticamente eleita para o seu segundo mandato após as eleições majoritárias de 2014, também enfrentou um processo de *impeachment*, aprovado pela Câmara dos Deputados em 17 de abril de 2016, com votação favorável finalizada no Senado em 31 de agosto do mesmo ano.

Com um clima político que já vinha se anunciando desde as jornadas de junho de 2013 e, no ano seguinte, a disputa das eleições em 2014<sup>4</sup>, a rivalidade e o conflito já eram evidentes, tanto entre as agremiações partidárias quanto entre os seus militantes e a população de uma forma mais geral. Por sua vez, o processo de *impeachment*, classificado por muitos intelectuais como um golpe – premissa por nós compartilhada, haja vista a ausência de provas significativas que justifiquem até hoje o afastamento de Dilma<sup>5</sup> –, deu vazão a uma gama de emoções e sentimentos que passaram a ser efetivamente expressos pelos atores sociais por meio de alguns dispositivos midiáticos de comunicação, tais como as redes sociais<sup>6</sup> - verdadeiros fenômenos na sociedade brasileira. Essa expressão, destaca-se, não foi exclusiva aos perfis pessoais dos atores, sendo pungente a sua

<sup>4</sup> Definida por uma diferença de 3,6 pontos percentuais, a eleição de 2014 foi a mais acirrada desde a redemocratização do país.

<sup>5</sup> A principal denúncia para o afastamento de Dilma Rousseff foi baseada nas acusações da presidenta ter cometido crimes de responsabilidade fiscal, os quais diziam respeito à Lei Orçamentária e à Lei de Improbidade Administrativa. No entanto, mesmo após comissão do Senado concluir que não houve crime de responsabilidade fiscal, o processo não foi descontinuado e seguiu para votação em 31 de agosto de 2016, quando Dilma foi oficialmente destituída da presidência. Afora estes aspectos, ressalta-se que dois dias após o afastamento definitivo da presidenta as leis que proibiam as pedaladas fiscais – as quais motivaram o processo –, foram revogadas, revelando a constituição de um golpe político e institucional.

<sup>6</sup> Recuero (2009) define rede social como um conjunto composto de dois elementos: os atores (instituições, pessoas, ou os grupos, os quais compoem os nós da rede) e as suas conexões (realizada por meio das interações ou dos laços sociais estabelecidos).

presença no espaço de comentários de *sites* ou redes sociais de jornais e revistas.

Utilizadas pelo campo jornalístico como uma ferramenta para a produção e reprodução de conteúdo noticioso ou informativo, considerando ainda a instantaneidade e alcance de público (NATANSOHN, 2013; NATHANSOHN et al, 2013), as redes sociais ampliam a visibilidade e circulação da notícia e dos veículos que nela estão presentes. Com uma linguagem fluida e mais objetiva, nas redes sociais são produzidos e publicados textos ou *links* que direcionam o leitor/consumidor para uma matéria mais completa no *site* do veículo. Dependendo da importância do assunto tratado, é comum que ele seja aprofundado e ganhe espaço em versão impressa. Juntos, esses aspectos evidenciam como premissa para o campo jornalístico contemporâneo a questão da convergência midiática, quando há o “fluxo de conteúdos através de vários suportes midiáticos” (JENKINS, 2008, p. 333), o que também dá espaço para a maior participação do público leitor/consumidor, que terá a chance de curtir, comentar ou compartilhar os conteúdos publicados - ações que na maioria das vezes ainda se dão sem um retorno por parte do veículo, que, ressalta-se, deverá manter os pressupostos básicos do fazer jornalístico, marcado pela associação com a verdade, objetividade e responsabilidade social (TRAQUINA, 2005; MEDINA, 1982).

No cenário de crise já citado as redes sociais se mostraram como palco de intensos debates, pois além das vozes jornalísticas tradicionais que enunciavam sobre os acontecimentos políticos, como ocorria nas páginas oficiais de jornais e revistas em redes como *Facebook*<sup>7</sup> e *Twitter*<sup>8</sup>, havia um intenso processo de conversação por parte dos sujeitos comuns. Com efeito, logo que eram publicados *posts*<sup>9</sup> nas páginas dos veículos jornalísticos um grande volume de comentários também era produzido, os quais evidenciavam estados de ânimo dissonantes.

Tomando como base essa produção expressiva de comentários produzidos pelos atores nas redes sociais, a partir do acontecimento *impeachment* de Dilma Rousseff, propõe-se neste artigo o exercício de análise destes comentários. Com efeito, elege-se como objeto empírico as

<sup>7</sup> *Site* de rede social lançado em 2004 que demonstra até hoje crescimento e faturamento expressivos. No primeiro trimestre de 2017 atingiu a marca de 1,94 bilhões de usuários ativos em todo o mundo, sendo a rede social mais utilizada no Brasil.

<sup>8</sup> Rede social e *microblogging* que permite aos atores sociais enviar e receber informações por meio do seu *website* ou *softwares* específicos.

<sup>9</sup> Mensagens ou conteúdos publicados em uma página da *internet*.

discussões realizadas a partir de um *post* da revista *Veja* – periódico jornalístico de circulação nacional – em sua página oficial<sup>10</sup> no *Facebook*, a qual possui o maior número de curtidas quando se observa a presença do nicho das revistas jornalísticas no *site* de rede social supracitado<sup>11</sup>. Trata-se dos comentários da postagem intitulada “*URGENTE: Dilma sofre impeachment e PT sai do governo após 13 anos*”, publicada em 31 de agosto de 2016, que, conforme levantamento e coleta de dados<sup>12</sup>, está entre as mais comentadas do dia da cassação de Dilma (um total de 4.249 comentários).

Metodologicamente, parte-se das premissas da Etnometodologia e sua abordagem sobre a Análise da Conversa (COULON, 1995; GARFINKEL, 1967; WATSON, GASTALDO, 2015). Seguindo esta perspectiva realizou-se um esquadrinhamento dos comentários coletados, os quais foram catalogados a partir de um viés das emoções, considerando o interesse em investigar sobre os estados de ânimo que emergem a partir das conversações, seguindo os rastros de Aristóteles, para quem não há discurso sem *pathos*. Destaca-se ainda, neste sentido, o pressuposto aventado por Courtine (2016), respondendo sobre como abordar o problema das emoções na perspectiva do discurso, quando afirma que aquilo

[...] o que produz os laços entre as emoções e o discurso é o caráter coletivo de muitas dessas emoções, o caráter histórico de todas elas, as modalidades discursivas e a dimensão inconsciente que são, enfim, absolutamente constitutivas de sua existência. (COURTINE, 2016, p. 20).

Outrossim, como bem coloca o autor, as emoções não podem ter outra existência material que não seja a linguagem, ou seja, o próprio discurso.

Partindo deste pressuposto, e ressaltando o viés qualitativo da investigação, destaca-se que na análise dos comentários não foram considerados aqueles produzidos exclusivamente com marcação de outros atores, composto somente por imagem, que direcionem para outras páginas, através de *links*, *spams* e comentários ininteligíveis. Da leitura e interpretação dos dados constatou-se, de forma categórica, a presença da raiva como

<sup>10</sup> Fundada em 1968, é somente em junho de 2009 que a revista entra no *site* de rede social *Facebook*, visando adequar-se às novas demandas do mercado jornalístico: <<https://www.facebook.com/Veja/>>.

<sup>11</sup> Um total de 7.285.571 de curtidas e 7.096.593 seguidores até 9 de abril de 2018.

<sup>12</sup> A coleta dos dados analisados foi realizada pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (LABIC), do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sob coordenação do professor Dr. Fábio Malini, a quem reforçamos o nosso agradecimento.

componente emocional mais expressivo, e é sobre a reverberação dessa emoção que são empreendidas as reflexões dispostas mais adiante. Todavia, antes das análises propriamente ditas, são apresentadas no tópico seguinte discussões concernentes à cultura das emoções, as quais pululam no *corpus* analisado e são aqui vistas como elementos de ordem social, histórica e cultural.

## **A cultura das emoções ou as emoções na cultura**

Em uma obra clássica do campo da cultura Clifford Geertz (1978) afirma que esta pode ser definida como uma teia de significados que é tecida pelo próprio homem, como que em uma relação recíproca. Tal passagem reforça a perspectiva postulada por Thompson (2011), quando propõe que o estudo da cultura diz respeito à reflexão sobre os fenômenos culturais, os quais devem ser pensados a partir de seu constructo sócio-histórico, lugar da produção de seus significados e das experiências e vivências dos sujeitos. Assim, o estudo da cultura

[...] pode ser pensado como o estudo das maneiras como expressões significativas de vários tipos são produzidas, construídas e recebidas por indivíduos situados em um mundo sócio-histórico [...] (THOMPSON, 2011, p. 165).

Partindo dessas premissas, o sujeito tem, então, a sua formação pautada por gramáticas culturais específicas, as quais vão sendo apreendidas desde o seu nascimento, pois como bem coloca Eagleton (2011, p. 143), “[...] nós não nascemos como seres culturais, nem como seres naturais autossuficientes, mas como criaturas cuja natureza física indefesa é tal que a cultura é uma necessidade se for para que sobrevivamos.”

Como parte da constituição e expressão dos sujeitos pode-se, a partir da breve discussão acima, se questionar acerca das emoções, muitas vezes consideradas por meio de vieses naturalistas ou universalizantes. A partir de uma perspectiva histórica e social verifica-se que a problemática que envolve as emoções deve ser compreendida através de olhares cuidadosos, pois os modos de sentir e expressar emoções e sentimentos estão atrelados aos fatores históricos e sociais que lhes possibilitam, isto é, são partes constitutivas da cultura de cada povo, como bem afirmam Rezende e Coelho (2010, p. 11): “[...] os sentimentos são tributários das relações sociais e do contexto cultural em que emergem.”. Segundo estas os sentimentos e emoções não têm uma natureza universal, tal qual indica o senso comum ocidental, reforçando ainda que as emoções não são de ordem natural (e



menos ainda, individual), sendo, por sua vez, social. Dado esse caráter não há como desconsiderar as condições de possibilidades históricas e sociais para a construção das emoções, vistas como

[...] parte de esquemas ou padrões de ação aprendidos em interação com o ambiente social e cultural, que são internalizados no início da infância e acionados de acordo com cada contexto (REZENDE, COELHO, 2010, p. 30).

Neste sentido, levando em consideração que na contemporaneidade, já em seus primeiros dias de vida, os sujeitos estão imersos nos processos de midiatização (FAUSTO NETO, 2008; BRAGA, 2006), sobretudo nas sociedades ocidentais capitalistas, as suas emoções também se desenvolverão e tenderão a ser tributárias desse novo contexto, como se identifica através da intensa participação dos atores nos comentários analisados e pelos estados de ânimo evocados. Nesta esteira, a expressão das emoções ganha novas possibilidades e territórios. Apesar da importância da promoção destas discussões os estudos sobre as emoções ainda aparecem como secundários nos trabalhos de muitos antropólogos e cientistas sociais, atestam Rezende e Coelho (2010), o que se agrava em se tratando do campo da comunicação de uma forma mais específica.

Em trabalho recente Freire Filho (2016) questiona se a *emoção* é uma palavra-chave para a comunicação social. Na busca de respostas o autor pesquisou a presença dos termos *emoção*, *afeto* e *sentimento* nos principais dicionários e enciclopédias que condensam e legitimam o conhecimento da área de comunicação e do estudo das mídias. Como resultado chegou à conclusão de que a resposta categórica para a sua indagação seria *não*, o que demonstra a incipiência das análises sobre as relações entre mídia e emoções, assim como a necessidade de atentar-se para este fator, pois, como diz Sodré (2006), os dispositivos midiáticos de enunciação têm como uma de suas principais características a presença das emoções e da estética.

Em *O processo civilizador* Elias (2011) mostra as várias formas de controle das emoções ao longo da história nas sociedades ocidentais, promovendo reflexões sobre os modos de controle dos sentimentos e emoções, defendendo que as formas hoje existentes são resultantes de um processo civilizatório, e não algo natural ou inerente ao homem *per si*. A partir da ótica de Elias (2011) se identifica que as formas civilizatórias das emoções não cessaram, tendo em vista, a partir das discontinuidades e rupturas históricas, o surgimento de novos modos de controle, condução e

expressão de comportamentos e subjetividades, entre os quais se destacam os atuais dispositivos midiáticos de enunciação (RODRIGUES, 2015).

A pedagogia das emoções é efetuada social e culturalmente por instituições como a Escola, a Igreja, a família e, mais recentemente, a mídia e seus dispositivos. Através da relação com estas instituições os sujeitos vão vivenciando e aprendendo as gramáticas afetivas e emocionais existentes desde a infância. É assim que determinadas experiências, ambientes e atores se tornam amados ou detestáveis, objeto de alegria ou tristeza, de segurança, risco, medo etc., compreendendo ainda as diversas variações e matizes relativos a estas emoções.

Nessa perspectiva, a mídia e seus dispositivos expressam o que Rosenwein (2011, p. 41) identifica como regimes emocionais, isto é, modelos regimentares que vão sendo padronizados, induzindo sociabilidades, afetos e emoções modelares, as quais coincidem com outros regimes políticos e sociais, e por meio desta relação sincrônica passam a prescrever normas dominantes para a vida emocional. A partir dessa ótica, como em um regime, algumas emoções são colocadas de forma mais positiva ou até imperativa, tal como a felicidade, ao mesmo tempo em que os dissensos também se efetuam - momento em que surgem emoções como a raiva, o ressentimento e o rancor, vistos, em sua maioria, como estritamente negativas.

Há, nesse sentido, modelos emocionais que são absorvidos pelos sujeitos no decorrer de suas trajetórias e histórias de vida. Em uma sociedade midiaticizada tais padrões estão intrinsecamente relacionados às práticas sociais e à produção de sentido dos dispositivos de enunciação, os quais, além de fornecerem formas e normas, também se demonstram como mecanismos de vazão e estímulo dessas emoções.

Em tempos de crise o campo das emoções e dos afetos passa por um reordenamento, pois, como enfatizado por Safatle (2016, p. 16),

[...] quando sociedades se transformam, abrindo-se à produção de formas singulares de vida, os afetos começam a circular de outra forma, a agenciar-se de maneira a produzir outros objetos e efeitos.

Ressalta-se, contudo, que, ao referir-se especificamente aos afetos, o autor trata das formas de afetar e de se sentir afetado em determinados contextos, o que pode ser estendido ao campo das emoções, que de modo semelhante tem os seus regimes abalados e reordenados quando da ocorrência de

determinados acontecimentos, como a destituição de Dilma, o que pode ser evidenciado quando das análises mais adiante empreendidas.

Analisando os 4.246 comentários da postagem anteriormente citada, acerca do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, e procedendo a um esquadrinhamento que visou mapear quais emoções ali eram expressas, tem-se o seguinte resultado: 43% dos comentários demonstravam a presença da raiva, 36% alegria (no sentido de exultação pelo acontecimento), 5,4% esperança (ou crença em um futuro melhor), 4% tristeza, 0,6% vergonha e 0,7 de comentários ambivalentes (que não demonstravam uma posição definida). Além disso, 10,3% do *corpus* não foi considerado para análise, com base na premissa de exclusão de comentários que continham *links*, *spams*, marcação de outros sujeitos, repetições, compostos somente por imagem ou ininteligíveis.

Da reverberação dessas múltiplas emoções, nas análises subsequentes, será dado destaque especificamente à expressão da raiva, devido a sua incidência significativa, bem como por considerá-la como uma emoção que se mostra como controversa em relação às imagens amplamente divulgadas sobre a sociedade brasileira – uma nação alegre e cordial (HOLANDA, 1995) –, desvelando uma quebra da ordem discursiva predominante sobre o Brasil e os brasileiros (FOUCAULT, 2011) e demonstrando, ainda, a partir da perspectiva metodológica adotada, a emergência de outros métodos culturais para se expressar e lidar com as transformação em curso.

## **Emoções e conflitos: a raiva como expoente**

“*URGENTE: Dilma sofre impeachment e PT sai do governo após 13 anos*”. Esse é o enunciado que intitula uma das postagens mais comentadas do perfil da revista *Veja* no *Facebook*, em 31 de agosto de 2016. Como já apontado anteriormente, na análise dos comentários foram identificadas emoções múltiplas, mas a raiva foi a mais contundente. Como elemento cultural para a expressão e demarcação de posições, as quais se mostram baseadas em um desacordo sobre os rumos da política brasileira, a raiva pode ser identificada através de alguns marcadores, como o uso de caracteres exclusivamente em maiúsculo, xingamentos, acusações ferrenhas e até de baixo calão, uso de *emoticons*<sup>13</sup> que denotam a raiva etc.

<sup>13</sup> Ícones que demonstram uma forma de comunicação paralinguística. Um *emoticon* - palavra derivada da junção dos verbetes *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) - pode ser entendido como uma sequência de caracteres tipográficos, os quais são utilizados para expressar alegria, raiva, tristeza, surpresa etc.



Etimologicamente, a palavra raiva deriva do latim *rabies*, o que remete a acesso de fúria, arrebatamento violento e cólera, identificando-a como uma emoção que desponta a irritação, agressividade, rancor, aversão, ojeriza, ódio - elementos que podem ser motivados devido à ocorrência de aborrecimentos ou frustrações. Por ser uma emoção que geralmente é vista como associada ao descontrole, também é um dos estados de ânimo mais depreciados em meio a um regime emocional da positividade (FREIRE FILHO, 2014).

De acordo com Rezende e Coelho (2010, p. 39) há um forte componente moral na raiva, indo além de um sentimento que o indivíduo sente de forma privada. Pois, conforme as autoras, “[...] está em questão assim não apenas a pessoa que sente a raiva mas também o conjunto de relações sociais ao seu redor [...]”. Com base nesta proposição podem ser extraídos dois aspectos para a leitura do objeto proposto: 1) ao ser enunciada através de comentários, reforça-se a circulação da raiva publicamente ; 2) as relações sociais inerentes à irrupção desta emoção.

Em relação ao viés público, Walton (2007, p.72) afirma que “[...] em alguns contextos culturais, exprimir a raiva é vergonhoso, um reconhecimento público de rendição à perda de controle e às paixões animais que campeiam intimamente.”. O autor reforça que em alguns países do Oriente, como no caso do Japão, a raiva não tem lugar no cenário público. Pois lá há uma cultura de séculos marcada por uma etiqueta de autocontrole das emoções, de modo que os acessos de raiva ou a irrupção de determinadas emoções podem ser vistas como ausência de educação (WALTON, 2007). Todavia, com a circulação fulgurante desta emoção nos comentários, sua demonstração nos fóruns do ciberespaço não parece ser motivo de vergonha, como pode ser notado quando se observam os seguintes enunciados<sup>14</sup>: *“cala a boca verme agora vamos limpar o PT do mapa’ depois os Outros”, “Vai reforçar sua porção de alfafa com mortadela jumento”, “Chora mais, vagabundo!”, “Chora arrombado kkkkk”, “AAACABOUUUUU A MAMATA, VAO ROUBAR NO INFERNO AGORA. KD A RATAZANA? DEVE TA EM ALGUM BURACO CHEIO DE GRANA.”, “CALA BOCA SEU POBRE”.*

A proliferação desses enunciados revela, no entanto, uma reconfiguração em relação à própria forma de sua expressão, pois, de forma

---

<sup>14</sup> Os comentários trazidos para análise são colocados neste texto em sua forma literal. Com o objetivo de destacá-los do restante do texto, sempre serão formatados em itálico. Em relação aos responsáveis pelos comentários, estes não serão identificados.

semelhante, porém em níveis diferentes, no Ocidente a raiva também é vista como um atestado de descontrole emocional que pode ser desencadeado por variados motivos: o medo, o descontentamento com dada situação, a humilhação ou eventos que frustram desejos individuais (REZENDE, COELHO, 2010). No caso do Brasil contemporâneo se tem como condições de possibilidades (FOUCAULT, 2013, 2013a) para a irrupção desta emoção a intensa crise política e econômica enfrentada pelo Brasil nos últimos anos, ainda como ressaca da crise iniciada nos EUA em 2008 que se expandiu para todo o mundo, elemento que localmente coadunou com a crise política instaurada após as manifestações de 2013 e reeleição de Dilma em 2014, quando uma forte polarização política e conservadorismo se tornaram latentes na sociedade brasileira (BURITY, *no prelo*). Além desses fatores se tem a própria discussão que marca as controvérsias em torno do golpe sofrido por Dilma, já que os seus opositores defendem seu afastamento como um exemplo de justiça e atendimento aos princípios legais, elementos que pela ótica de alguns estudiosos, podem ser associados às formas de neogolpismo que tem se alastrado na América Latina recentemente, os quais são sustentados por parte da mídia e, às vezes, pelo próprio sistema judiciário. (MONTEIRO, 2018).

Atrelado ao contexto social e histórico mencionado enquanto fator social e cultural para a emergência da raiva, verifica-se a ojeriza de alguns atores no que diz respeito à política, sobretudo ao modelo proposto pelo Partido dos Trabalhadores (PT): "*Chora petista maldito, acabou de perder as tetas podres do PT, #Bolsonaro2018*", "*Porra vai te fuder seu comunista imundo e fudido*", "*Chora seus mortadela, peguem seu burros e vão p cuba*", "*Eu nao votei nessa corja então cala a boca para de mimi comunista*", "*Chorem mais petralhada imunda*", "*Qualquer um na presidência é bom menos esses petralha ladrões, baderneiros, tem que entrar no pau mesmo fora corja malandra nunca mais PT*".

Em sua maioria, os comentários nos quais a raiva é expoente são direcionados ao Partido dos Trabalhadores. Por consequência, as figuras de Luíz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff também são canalizadas como foco para a raiva: "*Espero que essa corja do PT não volte nunca mais quebraram nosso país que o diabo o carregue a sem esquecer agora tem que colocar aquele bode velho do Lula na cadeia*", "*O próximo passo é prender o safado do lula*", "*So falta agora botar o pinguço na cadeia. A anta já foi pastar*", "*Dilma vai pro meio do inferno la e o teu lugar bicha feia se lascou trocha babaca agora tem que prende safado do Lula cretino*", "*Já vai tarde maldita 🤔*", "*Só de ver essa vaca indo pra forca já me sinto bem!*", "*Dilma vaca*",

*"Vai pra cuba sua cancerígena do Brasil. !!!!!", "VIVA, essa vadia ainda deveria está na cadeia no pau de arara de onde nem devia ter saído".*

Como visto, os comentários demonstram uma cólera acentuada. Também fica nítido o baixo nível do debate – fator ausente nas conversações estabelecidas. Revela-se, ainda, um viés misógino nos comentários direcionados à figura de Dilma, colocada em termos sempre mais pejorativos do que aqueles direcionados à Lula (como vaca, anta, dilmanta, dilmão etc.). Destarte, fica claro que a raiva não possui nenhuma etiqueta de comportamento óbvia, de tal modo que pode dar lugar a componentes diversos de uma gramática, como acusações, preconceitos, insultos, sarcasmos, vocabulário formado por termos depreciativos e não utilizados em outras situações. Sobre isso, Walton (2007, p. 91) assevera que

[...] podemos saber como expressar nossos medos, e olhar para os outros em busca de conforto ou abrigo ao fazê-lo, e podemos saber o que os outros esperam de nós quando a infelicidade da privação nos atinge. [...]. A raiva, porém, não conhece este protocolo [...].

Distintamente, segundo este teórico, a pessoa com raiva quer destruir ou afetar negativamente aquilo que é o seu objeto, de modo que, uma vez desembocada publicamente, pode provocar no sujeito que a expressa uma sensação palpável de liberação, como se a sua expressão produzisse algum tipo de prazer ou satisfação, fator que é notado na empiria analisada:

*Tchau bruxa velha!. Pega a tua vassourinha turbinada e suma!... Desapareça, VEIA LOCA!... JA VAI TARDE!!! Ficamos livres desse PT ORDINÁRIO. Ficamos LIVRES esses MENTIROÇOS. Ficamos LIVRES desses CANALHAS. Brasiiiiil. Obrigada Senhor por pelo teu amor por está nação Brasileira.*

Se a raiva é colocada em sua maioria contra o PT e as figuras de Dilma e Lula, há de se salientar que ela também é enfaticamente perceptível em outras direções, como em relação às classes menos abastadas da sociedade, colocadas semanticamente nos comentários como *mortadelas, vagabundos, pobres, preguiçosos*, dentre outros termos, reforçando o ranço classista como componente da sociedade brasileira, como apontado por Ribeiro (1995). Nas conversações essa raiva se tornou veemente quando alguns atores denominavam, através dos comentários, o *impeachment* como

sendo um golpe. Como uma avalanche, a posição posta culminou com o recebimento de inúmeros comentários agressivos: *"Acabou a mamata, quero ver e acabar a bolsa favela, quiser dinheiro vai trabalhar, como todo cidadão de bemfaz", "Vai ter que trabalhar agora né safado", "Vai trabalhar vagabundo", "Cala a boca seu trouxa e vai trabalhar vagabundo, pobre, ta reclamando pq cortaram seu bolsa família né", "O choro é livre..... acabou a Mortandela, agora vocês vão ter que trabalhar..... bando de acéfalos parasitas.....", "Chira vagabundo... agora vai ter que trabalhar.. O POVO NÃO VAI MAIS SUSTENTAR VAGABUNDOS", "Acabou a sua bolsa família vagabundo!!!! Vai ter que trabalhar petralha!!!!!!", "Chega de mamar na teta do governo!!! Vao trabalhar bando e vagabundo", "Enfiaram uma mortadela no boga de vcs kkkkkkkk".*

Frente a este cenário, se identifica que a raiva "[...] sugere ação, baseia-se na posse de direito e implica poder [...]" (BLAUVET, 2007, p. 119 *apud* FREIRE FILHO, 2013, p. 10). Enquanto uma forma de ação, percebe-se que os atores que dão vazão à raiva se colocam nos lugares daqueles que tem conhecimento sobre o assunto abordado – no caso, o Bolsa Família – visto não como um programa social de distribuição de renda, mas como uma *"mamata"* que produz e sustenta *"vagabundos"*. Essa visão e posicionamento parecem lhes dar um poder de ação que se traduz em ofensas e agressões, manifestando uma produção de subjetividades pautada pela raiva e outras emoções congêneres, como o ódio, rancor e o ressentimento.

Os discursos em que tais posicionamentos são explícitos são predominantes nos comentários, o que não é visto como uma surpresa, pois para receber as notícias postadas pela página da revista há a necessidade de a ter curtido ou ser seu seguidor, o que raramente é feito pelos atores que não estão de acordo com a perspectiva da *Veja*, veículo jornalístico que tradicionalmente está fortemente marcada pelo seu viés à direita e crítica ferrenha dos recentes governos populares de Lula e Dilma (2002-2016), o que agora tem sua reprodução nas redes sociais em que está presente e parece se estender aos seus seguidores de forma mais radical, demonstrando uma relação que se reforça e se alimenta reciprocamente, considerando que enquanto veículo jornalístico a *Veja* também atua na oferta de estados de ânimo para que os sujeitos possam vivenciar as intempéries do momento de crise, considerando o caráter que algumas notícias possuem, as quais, conforme Emediato (2007), são investidas de recursos ou apelos emocionais, o que tem sua atuação não

somente objetivando maior audiência, mas, em algumas vezes, também a (re)produção daquela emoção na sociedade.

À primeira vista a notícia publicada pela *Veja* que possibilitou a produção dos comentários aqui analisados não possui explicitamente um viés emocional. Porém, quando se analisa as posições da revista – seja através de suas capas, enquadramentos de fotografias, abordagens em determinadas matérias, vieses políticos e econômicos assumidos etc. – se percebe, claramente, uma produção discursiva que agencia emoções e estados de ânimo determinados.

É incontestável que nos comentários Dilma, Lula e aqueles que possuem uma postura favorável a essas figuras políticas foram os principais alvos da raiva. Todavia, ainda que de forma menos numerosa, essa emoção também se expressou em relação à insatisfação de alguns atores sobre o resultado do processo que resultou no *impeachment* de Dilma. Trata-se dos comentários onde o *impeachment* é visto efetivamente como um golpe, quando a raiva se dá, então, contra as instituições que o articularam e o legitimaram, distinguindo-se da posição daqueles que defendem que o resultado do processo foi uma demonstração de justiça. Apesar das diferenças, a raiva é um fator semelhante, sendo interessante destacá-la como um método cultural de expressão usado para fins bem distintos.

*Acho que são um bando de otários quem está feliz com a saída de Dilma agora vão sofrer o golpe dos verdadeiros bandidos do Brasil quero que todos os coxinhas vão tomar no cu pois quem vai sofrer são os pobres pois só pensão em aumentar os salários deles é mexer no direito dos pobres...*

Um aspecto que chama a atenção quando a raiva é expressa nos comentários que são contrários à destituição de Dilma é que estes são mais extensos, e algumas vezes buscam justificar as posições assumidas. Porém, é fato que os acessos de fúria possuem mais espaço:

*O Brasil tem que tirar essa quadrilha do pmdb com o psdb por esses sanguessugas vão vender o Brasil até não sobrar mais nada e os brasileiros virarem escravos como na época de 90 mais brasileiro e tão burro que em somente 13 anos que o Brasil existiu se esqueceram o que eles fizeram com o nosso país e agora entregam de volta pra eles que vergonha desse povo burro do kralio ipocritas*



*peças tão desinformadas e tão manipuladas por outros ou pela mídia que falam coisas sem saber, apoiam os fatos sem ao menos perceber que este pilantra do TEMER, está prestes a fuder com toda a classe trabalhadora deste país, quer dizer ele já começou a botar no rabo do povo #FORATEMER.*

Nessa esteira, de forma análoga a raiva também foi direcionada para a revista *Veja*, igualmente em um número bem pequeno. Mesmo assim, alguns poucos comentários acusaram a revista de golpista, fascista, comprada, etc.: "*revistinha golpista lixo escória da sociedade brasileira*", "*Graças essa mídia golpista como essa revista Veja.. Vocês e as elites estão felizes*", "*Com a imprescindível ajuda desse lixo de revista que apoiou o golpe*", "*A VEJA é podre*", "*vai tomar no cú VEJA! Oportunista do caralho!*", "*Mídia suja e coxinhas acéfalos... cambada de vermes imundos*".

Em todos os comentários onde a raiva se mostra de forma categórica são perceptíveis, mesmo que a partir de diferentes posições, a enunciação de sentenças que, taxativamente, expõem juízos de valor sobre o acontecimento – *impeachment* –, sobre os sujeitos envolvidos, entre aqueles que comentavam e sobre a própria revista. Isso sugere o que é postulado por Ahmed (2014, p. 05), quando este afirma que alguns teóricos descreveram as emoções como formas de julgamento, perspectiva que reforça a vontade de verdade por parte dos diversos atores que fizeram uso daquele espaço para a produção de comentários, de modo a assumir a posição de juízes que passaram a estabelecer sentenças, ao invés de promover discussões ou debates, deixando claro que o diálogo não é, desta forma, fator inerente à expressão da raiva, evidenciada como cerne de conflitos e disputas de poder.

## **Considerações finais**

O presente artigo teve como objetivo a análise dos comentários em postagem da revista *Veja* em sua página do *Facebook* em 31 de agosto de 2016, data em que o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff se tornou uma realidade para a história política brasileira. A postagem escolhida, por sua vez, tratava justamente desse tema e foi uma das mais comentadas do dia. Perscrutados pelo viés das emoções, os comentários produzidos foram mapeados de acordo com os estados de ânimo ali presentes – vergonha, raiva, alegria, etc. – evocando a presença de emoções conflitantes e uma produção de dissensos que se instauraram e demonstram um sentido de disputa acerca do processo de *impeachment*.

A raiva, conforme já indicado, foi o componente emocional mais recorrente quando das análises iniciais, evidenciando que apesar desta não ser uma emoção comumente atribuída à sociedade brasileira vem se mostrando atualmente como marca categórica das relações políticas e sociais, a partir de condições de possibilidades históricas que permitiram a sua emergência – crise política e econômica, o crescente conservadorismo, o ranço classista, confrontos políticos pós-jornadas de junho de 2013 e eleições de 2014, entre outros elementos. Enquanto expressão de um momento histórico, a raiva se desvela como parte do arquivo do tempo presente.

Com vazão através dos comentários, tal emoção – assim como as outras – se mostra como constitutiva da circulação discursiva contemporânea, que é impulsionada e construída por meio das sensações, percepções, estímulos e estados de ânimo. Nas análises a manifestação da raiva indica quatro fatores. O primeiro diz respeito à presença e participação cada vez mais ativa dos sujeitos nas redes sociais, manifestando opiniões e, mais do que isso, fazendo uso daquele espaço para dar vazão aos seus posicionamentos políticos e às suas emoções, mesmo aquelas vistas como negativas, como é o caso.

Com efeito, esse ator não ocupa mais somente o espaço daquele que lê ou recebe determinado conteúdo – seja ele jornalístico ou não –, mas produz sentidos e os (res)significa conforme as mais variadas mediações e posições-sujeito, o que acaba por levantar novas questões para a produção jornalística, que deverá cada vez mais estar apta para lidar e mediar essas relações de modo mais satisfatório, o que não foi visto no caso da página da revista *Veja*, que apesar de possuir uma política que afirma que comentários que contenha ofensas, palavrões, termos vulgares ou que exponham dados pessoais serão excluídos, não demonstrou nenhuma sanção do tipo.

Um segundo fator é a exteriorização de que as redes sociais nem sempre são um lugar onde todo mundo é feliz ou espaço marcado por representações de si que buscam demonstrar somente coisas boas – como comumente é associado –, sendo também um espaço onde o dissenso e as disputas se fazem presentes, como ocorre no caso analisado, quando, de forma torrencial e quase imperativa, a raiva se mostra e expõe um lado obscuro dos sujeitos e da própria sociedade em que vivem.

Outro elemento visível e inquietante é o quanto o diálogo é precário ou inexistente nas conversações analisadas, mesmo em um espaço que tem *a priori* essa finalidade – Ali o sentido de discussão como troca de ideias tem uma denotação prioritariamente de embates atravessados pela

agressividade, rancor e ressentimento. Nesta perspectiva, a emergência da raiva no cenário contemporâneo assinala mudanças contundentes acerca das culturas emocionais e assevera o sentido de um tempo histórico efetivamente marcado por embates e disputas, apontando para o recrudescimento da ausência dos espaços de diálogo, o que é preocupante pelo fato de que no *status* moral da raiva tem-se que estar raivoso é também estar doente ou em processo de adoecimento (WALTON, 2007, p. 66).

O quadro ora apresentado, apesar de se constituir como um recorte, pode ser visto como uma amostra que assinala, por último, algumas mudanças que vêm se efetivando nas relações de convívio social no Brasil, pois a expressão da raiva (e outras emoções a ela associadas) se mostra como uma das características das sociabilidades e subjetividades do tempo presente, o que pode ser observado tanto a partir de outros casos (como a comemoração da morte de Marisa Letícia, esposa do ex-presidente Lula; movimentos que foram contrários à visita da filósofa Judith Butler ao Brasil; pedidos de fechamento de fronteira ou linchamento de imigrantes etc.), como pela própria vivência e experiência cotidianas, seja na internet ou nas ruas.

É válido destacar que as reflexões empreendidas não querem afirmar que se trata de um fenômeno inteiramente novo na sociedade brasileira, ao mesmo tempo que não se propõe a esgotar as reflexões problematizadas. Na atualidade a raiva ganha vazão, ao passo em que as crises se avolumam e se aprofundam, parecendo se alimentar do momento e colocando em xeque os modelos de brasilidade (alegria, cordialidade, acolhimento) por tanto tempo propagados.

## Referências

- AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014.
- BRAGA, José Luiz. Sobre "mediatização" como processo interacional de referência. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 15., 2006, Bauru. **Anais...** Bauru: COMPÓS, 2006.
- BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: BORTOLETO, Marco A. C.; PAOLIELLO, Elizabeth. (Orgs.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises críticas**. [No prelo].
- COULON, Alan. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- COURTINE, Jean-Jacques. A era da ansiedade; discurso, história e emoções. In.: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. (Orgs.).

- (In)Subordinações contemporâneas:** consensos e resistências nos discursos. São Carlos: EdUFSCAR, 2016.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** Vol. 1. Uma história dos costumes. Trad. Ruy Jungmann; revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- EMEDIATO, Wander. As emoções da notícia. In: MACHADO, Ida; MENZES, William; MENDES, Emília. (Orgs.). **As emoções no discurso.** Lucerna, Rio de Janeiro (RJ), 2007.
- FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma "analítica" da midiatização. **Revista Matrizes.** São Paulo: ECA/USP, n 2, abril, 2008, p. 89-105. Disponível em: <[http://www.usp.br/matrizes/img/02/Dossie5\\_fau.pdf](http://www.usp.br/matrizes/img/02/Dossie5_fau.pdf)>. Acesso em: 13 jul. 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** São Paulo: Graal, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013a.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola: 2011.
- FREIRE FILHO, João. Correntes da felicidade: emoções, gênero e poder. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25., 2016, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2016.
- FREIRE FILHO, João. O circuito comunicacional das emoções: a Internet como arquivo e tribunal da cólera cotidiana. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 38., 2014, Caxambu (MG). **Anais...** Caxambu: Anpocs, 2014.
- FREIRE FILHO, João. A comunicação passional dos fãs: expressões de amor e de ódio nas redes sociais. In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando (Ed.). **Comunicação em tempo de redes sociais:** afetos, emoções, subjetividades, p. 127-154. São Paulo: INTERCOM, 2013.
- GARFINKEL, Harold. **Studies in Ethnomethodology.** Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1967.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. de. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2018.
- MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista:** responsabilidade social. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- MONTEIRO, Leonardo Valente. Os neogolpes e as interrupções de mandatos presidenciais na América Latina: os casos de Honduras, Paraguai e Brasil. **Revista de Ciências Sociais.** Fortaleza, v.49, n. 1, p. 55-97, mar./jun., 2018.
- NATHANSOHN, Graciela. (Org.). **Jornalismo de revista em redes digitais.** Salvador: EDUFBA, 2013.

- NATHANSOHN, Graciela et all. Revistas on-line: do papel às telinhas. In: NATHANSOHN, Graciela. (Org.). **Jornalismo de revista em redes digitais**. Salvador: EDUFBA, 2013.
- NATHANSOHN, Graciela; CUNHA, Rodrigo. O jornalismo de revista na era da mobilidade. In: NATHANSOHN, Graciela. (Org.). **Jornalismo de revista em redes digitais**. Salvador: EDUFBA, 2013.
- REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. Afinal o que é a mídia? **CISECO**, Japaratinga (AL), 29 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.ciseco.org.br/index.php/artigos/279-afinal-o-que-e-a-midia>>. Acesso em: 05 abr. 2016.
- ROSENWEIN, Barbara H. **História das emoções: problemas e métodos**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.
- WALTON, Stuart. **Uma história das emoções**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- WATSON, Rod; GASTALDO, Edison. **Etnometodologia & Análise da conversa**. Petrópolis: Vozes, 2015.

